



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO
E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

EMILY BERNARDO BANDEIRA DE MELO

**O DIÁRIO DE BORDO E O MUSEO DE LA COCA DE BOGOTÁ:
Sobre a construção de uma curadoria e seus espaços multilíngues**

Brasília
Novembro de 2019

Emily Bernardo Bandeira de Melo

**O DIÁRIO DE BORDO E O MUSEO DE LA COCA DE BOGOTÁ:
Sobre a construção de uma curadoria e seus espaços multilíngues**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata

EMILY BERNARDO BANDEIRA DE MELO

**O DIÁRIO DE BORDO E O MUSEO DE LA COCA DE BOGOTÁ:
Sobre a construção de uma curadoria e seus espaços multilíngues**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Brasília, 6 de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata (UnB)

(Orientadora)

Prof.^a Maria Del Carmen de la Torre Aranda (UnB)

(Examinadora)

Prof. Marcos Carneiro(UnB)

(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as plantas que me acompanham no caminho e a todas as mulheres que me ensinam sempre um pouquinho mais sobre liberdade, loucura e união. A elas devo dedicatórias eternas, por melhor me ensinar a viver e a despertar sedes internas furiosas de aprender.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível através do apoio das pessoas que estiveram ao meu lado durante a elaboração do diário. Só vocês mesmo: Aninha, Arake, Clarissa, Elton, Mateus, para aguentarem todo o lero-lero que surgiu junto a este trabalho. À paciência e aos ouvidos amorosos de vocês: gratidão imensa. <3

Cabem em lugar especial agradecimentos para a orientadora Helena, que me encorajou desde o início a produção dessa empreitada, e para minha irmã Elga, que, apesar de distante, sempre me lembra de olhar com amor os filhos do conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: O Projeto Coca e o LEA	6
1.1 Origens do Museo de La Coca	6
1.2 Curadoria	10
1.3 Trabalho Multilíngue	12
1.4 Línguas vs. linguagens e acessibilidade	13
CAPÍTULO 2: Conceitos abordados no diário	16
2.1 Sobre coca	16
2.2 Sobre sociologia e filosofia da imagem	18
2.3 Sobre acessibilidade	22
2.4 Participatividade	24
METODOLOGIA	26
Diário de bordo	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

**O Diário de Bordo e o Museo de la Coca de Bogotá:
Sobre a construção de uma curadoria e seus espaços multilíngues**

Resumo: Esse trabalho relata a experiência do projeto de construção da curadoria do Museo de La Coca, na Colômbia, tomando como base conceitos e ideias abordados no curso de graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), especialmente os de multilinguismo e acessibilidade. As reflexões que nortearam as decisões curatoriais basearam-se principalmente nas obras de Rivera Cusicanqui (2015) sobre a sociologia da imagem, Dian Marino (1997) sobre os usos da arte e resistência na educação e de Nina Simon (2011) que apresenta as características de um museu participativo. A criação de um diário de bordo me pareceu a abordagem metodológica mais apropriada para efetuar os registros, pois me permitiu uma constante reflexão sobre a construção da curadoria, sem nunca abandonar o caráter subjetivo da pesquisa.

Palavras-chave: curadoria, acessibilidade, participatividade, multilinguismo, diário de bordo.

Abstract: The present work reports the experience of construction of the curatorial process of the Museo de La Coca, in Colombia, based in concepts and ideas proposed during the Degree on Applied Foreign Languages - Multilingualism and Information Society (LEA-MSI), specially ideas concerning accessibility and multilingualism. The considerations which supported most curatorial decisions are inspired by works such as Rivera Cusicanqui's (2015) book about Image Sociology, Dian Marino's (1997) texts on art, education and the culture of resistance and Nina Simon's (2011) open book which presents characteristics for a participatory museum. The creation of a logbook seemed the most appropriate methodology to register the curatorial process, it turned possible to keep a constant reflection over its construction, never letting aside the subjective nature of research.

Key words: Logbook, accessibility, multilingualism, participativity, museology, translation.

Capa do diário de bordo.



Aquarela de Anaeli Xavier.

*"Movemos o que aprendemos de nossas cabeças
para nossos corações através de nossas mãos"*

- Brené Brown

Introdução

Sou Emily Bandeira e graduanda do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), na Universidade de Brasília. Durante a graduação sempre busquei as correspondências entre meus interesses pessoais e as propostas das matérias do curso de LEA-MSI. Trabalhamos sempre muito mais confiantes e empenhadxs quando possuímos o tema de estudo dentro de nosso campo afetivo. Graças ao amplo espectro de possibilidades dentro do curso, a confluência de meus interesses e trabalhos acadêmicos foi bastante harmônica durante a maior parte do tempo.

Assim também o foi no primeiro semestre de 2019, ao iniciar a matéria de Métodos e Técnicas Aplicadas ao Multilinguismo (MTAM) com a professora Helena Santiago, quando fui apresentada mais formalmente ao mundo da acessibilidade e participatividade museal. Esse foi o tema escolhido por meu grupo na matéria para estudo e pesquisa. Nesse momento, eu já trabalhava com curadoria havia seis meses e o mundo dos museus e instituições culturais se abria diante de mim em um grande leque de oportunidades. Em janeiro do mesmo ano, ao participar de um curso sobre Sociologia da Imagem, com Silvia Rivera Cusicanqui, em La Paz, comecei a melhor compreender a importância da utilização de todos nossos órgãos de percepção para uma melhor integração com a realidade. Durante a matéria de MTAM pude melhor relacionar a importância da subversão da hegemonia visual, do uso consciente de todos os sentidos da percepção humana, como tudo isso tem a ver com acessibilidade e como esses temas se relacionam com o processo da curadoria.

A partir da pesquisa feita em MTAM, encontrei mais e mais interesses afins à curadoria e ao curso de LEA. Descobri sobre o grupo Acesso Livre e as pesquisas da professora Helena Santiago sobre acessibilidade museal. Logo mais, começaria o estágio supervisionado obrigatório no Centro Cultural Banco do Brasil, junto à equipe de acessibilidade do programa educativo da instituição, aprofundando meus conhecimentos a respeito do tema. Cada vez mais

via em meu trabalho de curadoria diversas motivações do LEA e, paralelamente, no curso do LEA, via reflexões advindas da curadoria.



Figura 2. Têxtil paracas (Peru, datados de 200-300 A.C.)

As conexões entre o trabalho da curadoria que desenvolvo no Museo de La Coca e minha graduação se mostraram evidentes desde o início. Somos uma equipe internacional, multilíngue, trabalhamos em um museu que também deve ser um espaço multilíngue, ainda

que contextualizado em sua língua original, o espanhol. Existem também os questionamentos sobre os usos da línguas e acessibilidade dentro do espaço e, eventualmente, sobre as diferentes linguagens – para além das diferentes línguas – que a curadoria deve abarcar.

Registrar como a curadoria apreende muitos dos conhecimentos e reflexões do curso de LEA tornou-se, então, de meu desejo. Esse registro deveria ser meu trabalho final de conexão entre as pesquisas da vida e a graduação. E, então, surgiu o diário de bordo do Projeto Coca, desenvolvido entre os meses de agosto a novembro de 2019. A criação do diário de bordo me pareceu a abordagem metodológica mais apropriada. Um trabalho documental que me permite uma constante construção da curadoria e pesquisa a partir da contínua revisão de seus registros, sem nunca abandonar o caráter subjetivo da educação.

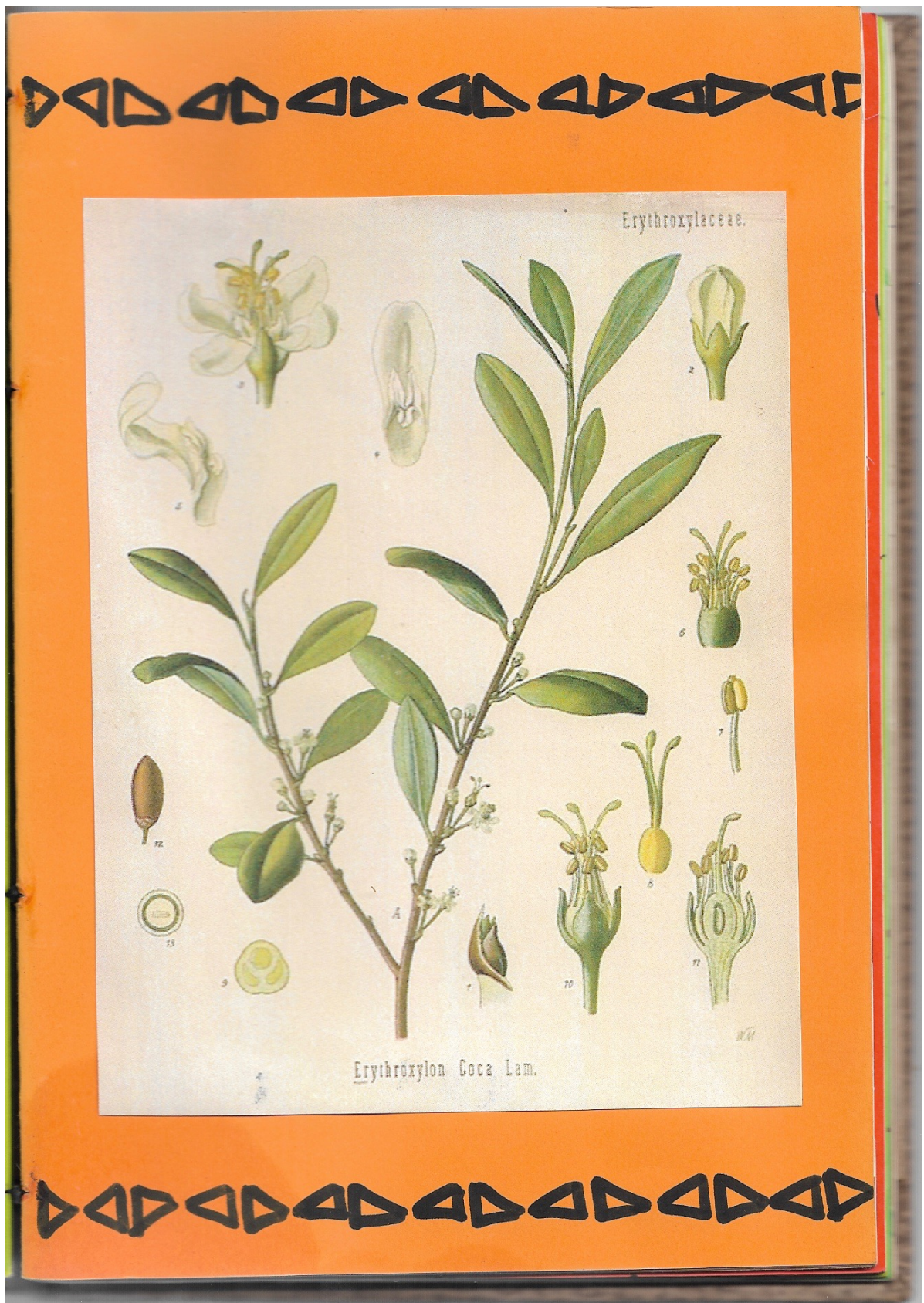


Figura 3. Ilustração botânica da coca

1. O Projeto Coca e o LEA

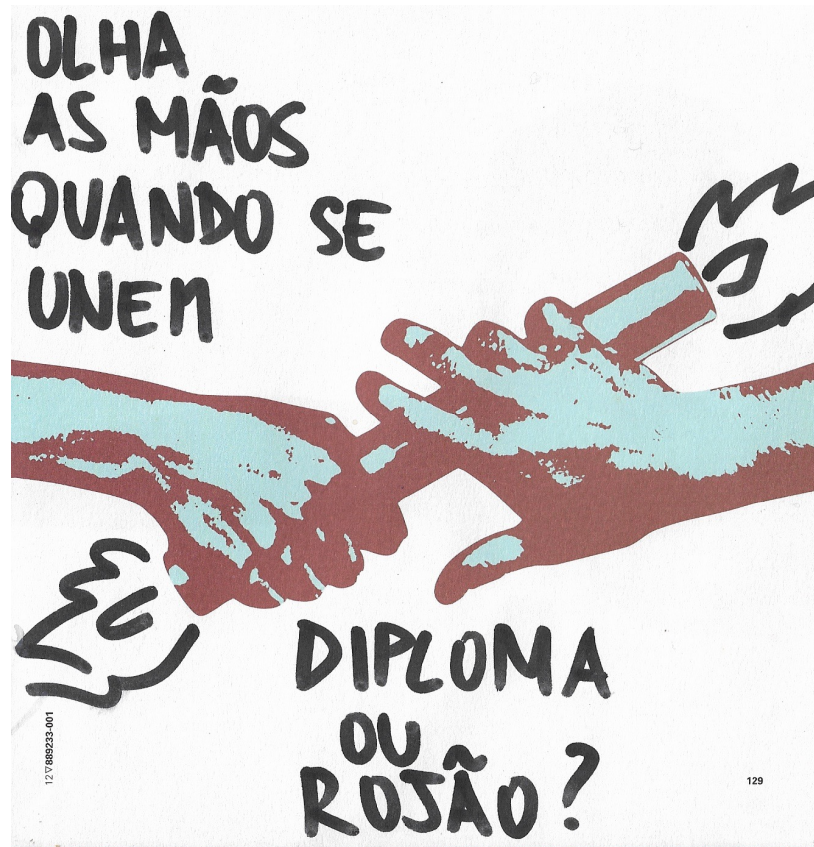


Figura 4. Intervenção sobre página de livro achado na w3 norte

1.1 Origens do Museo de la Coca

Eis que me vejo na missão de explicar como surgiu o Museo de la Coca, um sorriso me vem às palavras.

Ao final de 2017, eu, Ana e Karol partimos em uma breve viagem temática pela América Latina (dessas, bem clichês, em que pensamos descobrir o mundo de nossos hermanos, e, por consequência, também pensamos nos descobrir), nosso projeto tinha nome, "verde passageiro", e uma motivação clara: errar por nosso continente com olhos sempre atentos às plantas que atravessam nossas culturas, principalmente aquelas que brincam com nosso sistema nervoso central e seu centro cognitivo. As tão famosas plantas de poder.

E assim voamos, em uma noite de novembro, em direção a Rio Branco, Acre, sem passagens de volta e uma sede de verde desenfreada. Dali seguimos para o Peru (onde surgiram os primeiros laços de conexão com a folha de coca!), passamos pelo Equador rumo à Colômbia e, logo após, chegamos à Bolívia.

É aqui na Bolívia que nossos laços com mama coca se aprofundam. É quando chegamos lá que nossas então descobertas sobre a folha de coca se expandem a nível fundamental. Uma oportunidade de compreendê-la em maiores espectros em sua relação com a humanidade. Essa planta – como muitas outras plantas que amamos– permeia a cultura e o próprio senso de ser humano de muitos lugares. Como tarefa observarmos as crenças (que se compartilham ou não) de diferentes povos entre as montanhas; é bonita a teia que se estende entre os humanos, a coca e o espaço que os rodeia.

Eu, Ana e Karol fomos chamadas à Bolívia a convite do senhor Dana Larsen, escritor e ativista canadense, entusiasta da folha de coca. Dana decidira sair em sua primeira viagem à América do Sul, conhecer mais sobre a coca e seu contexto. Buscar vivenciar, ao mínimo, o que é a coca talvez em seu estado de maior "naturalidade", em harmonia com os humanos, em harmonia com a fauna e flora local. Mas Dana não sabe falar espanhol. E é aqui que entramos. Fomos chamadas para acompanhá-lo como intérpretes em sua viagem, intérpretes e auxiliares, diria. Estávamos ali traduzindo não apenas o espanhol, mas também a cultura.

E antes que se pense que estávamos tentando "traduzir" uma cultura que acabávamos de conhecer (a boliviana, a amazônica, a andina), calma. Traduzíamos, com nossas conversas, uma cultura maior, compartilhada, uma cultura sul-americana. Pode-se argumentar que uma cultura "sul-americana" talvez seja uma ideia romântica; ao ver o tamanho do continente e as infinitas culturas que nele cabem, não parece fácil visualizar o que seria esse uníssono de "cultura sul-americana". E não é. Mas é diante das diferenças, do contraste surgido quando em contato com alguém de outro hemisfério, de outra vivência e imaginário, de outra espécie de linguagem, que se percebe mais vividamente, que há algo que une nós, jovens brasileiras, à Bolívia e suas pessoas.

E desse local partimos em nossa mediação de Dana com o mundo latino. Ele tinha propósitos claros de conhecer sobre a planta de coca e nós o acompanhamos contentes.

Como dito antes, possuíamos uma sede pelo verde, sede de compreender as plantas nas pessoas e as pessoas com as plantas. Para nós, que compartilhamos visões antiproibicionistas com o Dana, foi uma experiência muito rica. Fomos aos mercados municipais de coca, conversamos com todas as suas señoras y señoritas cultivadoras, vendedoras, perpetuadoras de tradições que envolvem suas vidas, suas famílias e a planta. Fomos à Amazônia, conhecemos cultivos ilegais, conhecemos a força úmida da floresta, conhecemos montanhas áridas, conhecemos estudiosos apaixonados pelo tema, também ávidos por compartilhar das inquietações. Muitas vezes, atônitas em meio a plantações, nos questionávamos: "São dessas árvores, desses arbustos, que saem as pedras de crack presentes no Brasil e no mundo?". Plantas tão doces, tão profundamente sagradas e respeitadas, plantas que dão saúde, energia, consolo, alento. Quais as voltas que o mundo dá até que cheguem até nossos irmãos como crack, cocaína, pasta base, anestésicos?

Foi durante essa viagem que conhecemos o Museo de la Coca de La Paz, e seus organizadores. Descobrimos ainda mais sobre a história do proibicionismo com a coca, sobre seu passado colonial, sobre os mistérios que a cercam. Abrimos um capítulo novo em nossas cabeças.

Quinze dias depois de nossa passagem pela Bolívia, nos despedimos de Dana e prosseguimos, rumo a nosso país de origem, a descobrir sobre outras plantas (o Verde Passageiro continuava). Dana voltou ao Canadá, nós voltamos ao Brasil, mas nossos interesses já estavam cruzados e os estudos sobre coca continuaram.

Um ano depois, nos encontramos com Dana e já sabíamos de seu interesse em fundar um Museo de la Coca em Bogotá. Existe um Museo de la Coca na Bolívia e também um no Peru. Mas não existia um na Colômbia. Talvez porque se prolongue um imaginário de que não há um consumo sagrado de coca nessas regiões (exceto pequenos povoados esquecidos entre as montanhas) ou talvez porque a história colombiana com a coca, há décadas, está inevitavelmente atrelada à história do narcotráfico, a história da luta de uma nação inteira.

Bogotá, centro cultural pulsante, lar também de tantos outros museus, surgiu, então, como possível local que abrigasse outras histórias sobre essa planta. Um local que leve à Colômbia narrativas sobre a folha de coca, que ajude a compreender outras perspectivas sobre a

relação de seu povo e essa planta e, talvez, principalmente, um local que nos ajude a refletir, a partir do verde da coca, sobre o antiproibicionismo.

Surge a ideia do Museo de la Coca de Bogotá. Dana começa a organizar, então, uma equipe latinoamericana que o possa ajudar nessa missão. Eu e Ana compomos a parte de curadoria e investigação do museu. Ginna e Juan colaboram com a estrutura básica e todas suas burocracias em Bogotá. Somos os cinco, esse time inicial para a construção da nova empreitada cultural bogotana.

Assim surge a construção do Museo de la Coca em Bogotá.

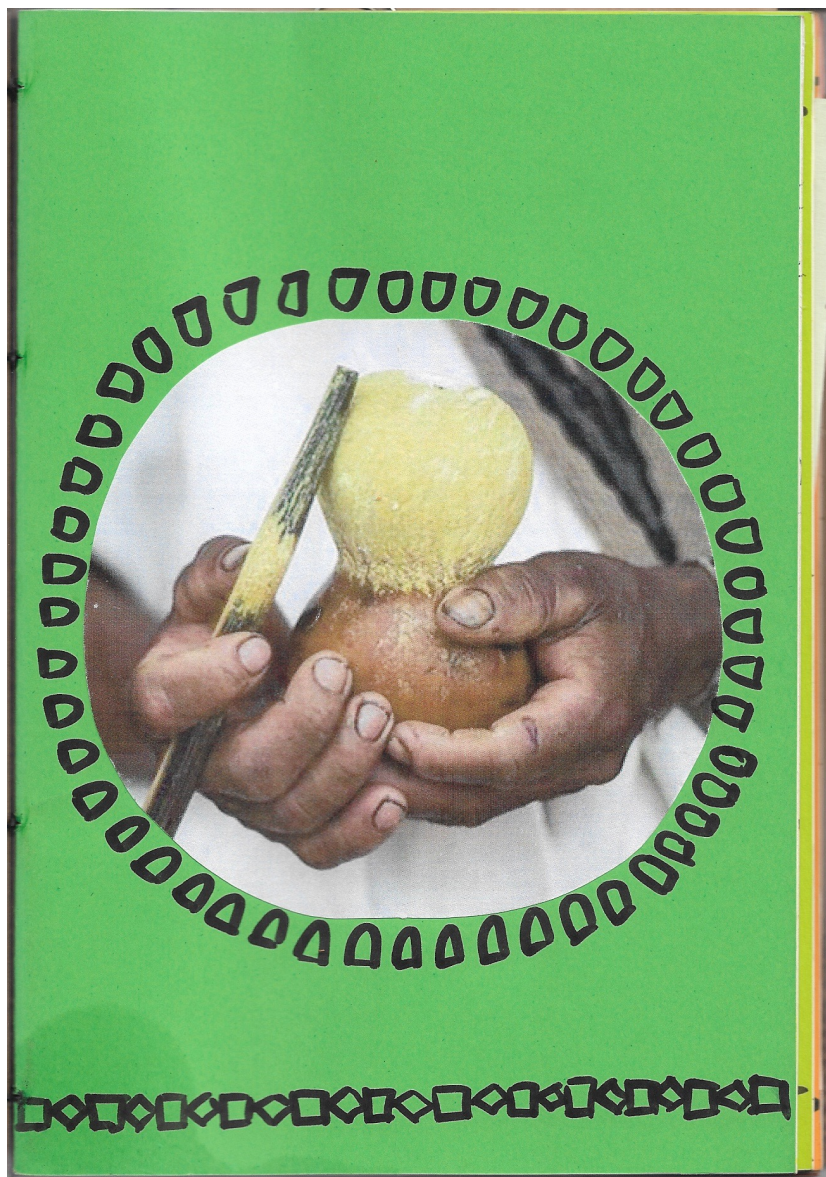


Figura 5. Foto de *poporo* de Aitor Sáez , ¡Pacifista!

*"Uma das funções de um museu é promover o 'deleite afetivo',
as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas,
que funcionam como suportes da memória, marcas identitárias,
e agem para definir trajetos, para explicar percursos,
para reforçar referências, definir amarras"*

- T.B. Bezerra

1.2 Curadoria

O trabalho da curadoria e pesquisa consiste na escolha do acervo e de como este estará integrado ao ambiente museológico. Assim, cabe à equipe da curadoria pesquisar quais informações importantes devem estar presentes e como configurá-las no espaço do museu. Para o Museo de la Coca separamos os momentos iniciais de trabalho para melhor compreender o panorama geral da planta de coca. Já estávamos familiarizadas com o contexto da proibição e sabíamos de sua importância enquanto folha sagrada e matéria-prima da cocaína. Então, durante os primeiros momentos, aproveitamos para melhor descobrir sobre seus aspectos biológicos e geográficos, seus usos mais antigos, sua relação com a colonização espanhola, as mudanças globais em relação à planta após a descoberta da cocaína, etc. Foi um momento importante para melhor compreender onde estávamos chegando, a que devíamos nos atentar. Por ser uma planta ritualística e sagrada, utilizada há milênios em tantos lugares da América Latina, sentíamos responsabilidade em nossas ações. A planta de coca não fez parte de minha história desde sempre, tampouco compartilho de sua ancestralidade, o que torna todo o processo de curadoria mais sensível. Dos bons conhecimentos que o ativismo antiproibicionista me facilitou, um deles foi a compreensão de que é necessário que cada um fale por si. Ninguém fala por ninguém. A criação de um museu dedicado a essa planta sagrada, portanto, deve ter envolvimento das pessoas que a consomem diariamente, possuem relação íntima com ela e, assim, a conhecem melhor.

Os primeiros momentos de pesquisa também carregaram, então, momentos de angústia. Logo mais, pensávamos mais a fundo o significado da instituição “museu”, quais os usos e hábitos dos museus através da história, a quais símbolos estão atrelados em nossa sociedade, qual o tipo de público que consome esse tipo de cultura, como este interage com o que está exposto, etc, etc. A ideia de construir uma instituição (que historicamente possui um caráter colonizador e invasor – basta pensar nos imensos acervos de países europeus com obras “resgatadas” de outros continentes) de uma planta notavelmente latina e sagrada, com a qual, no entanto, havíamos entrado em contato havia pouco tempo, parecia desafiadora. Ainda o é, e essas ainda são questões diariamente instigadas no trabalho. Essas questões nos motivaram a pensar mais sobre a história e cultura partindo da perspectiva do hemisfério sul. Tais reflexões nos motivaram a procurar maneiras de construir sentidos juntamente ao público, juntamente às pessoas que usam coca. E, assim, novas maneiras de construir estratégias coletivas de acesso cultural nos foram sendo apresentadas. Durante o curso de Sociologia da Imagem com Silvia Rivera, fui apresentada a estratégias de pesquisa e investigação do mundo aliadas a um olhar crítico, intuitivamente desfamiliarizador e latino. Sou igualmente apresentada a estratégias inclusivas e culturais nos textos sobre museus participativos de Nina Simon e sobre usos de arte e resistência na educação nas palavras de Dian Marino.

Aos poucos, aprendemos que o tema da participatividade é de extrema importância na curadoria. Felizmente aprender sobre arte-educação e participação é o tipo de trabalho que amplia nossa perspectiva de atuação não apenas para o museu como também para outros trabalhos e situações da vida. O segundo momento da curadoria foi quando eu e Ana, começamos finalmente a listar as informações coletadas e dividi-las em ambientes, ou “estações”, que constituirão o museu. A partir daí, a curadoria esteve mais fluida, tornou-se possível pensar melhor sobre as informações que queremos passar em cada estação, sua estética e quais tipos de interação gostaríamos de promover em cada espaço.

No dia a dia, diversas questões multilíngues surgem; na coleta de informações, pensamentos, referências, nos momentos de escrita e reflexão, nos momentos em que essas informações precisam ser passadas para o resto da equipe colombiana e canadense. Todo o processo torna-se quase intuitivo: qual língua escrever em cada momento, para cada ferramenta de co-

municação, quando é necessário traduzir ou não. Outro desafio, já a vista, é o apresentar das informações do museu da maneira mais acessível possível, para anglo ou hispano-falantes, para quem não fala nenhuma dessas línguas e também para todo e qualquer público com deficiências. Esses são laços fortes entre conhecimentos aprendidos com o LEA e a curadoria.



Figura 6. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte

1.3 Trabalho multilíngue

A curadoria é um trabalho multilíngue, no entanto, no momento inicial, nem sempre o aspecto linguístico é percebido conscientemente durante as atividades. Embora muitas das questões da curadoria tenham a ver com questões sobre linguagem, a maioria dos esforços sobre as línguas (escrever relatórios e rascunhos, preparar apresentações, transcrever e traduzir textos, reunir-se com os outros membros) não passa por um processo constante de análise e reflexão. Daí surgiram as primeiras ideias sobre o diário de bordo. A partir da reflexão sobre a ação é possível compreender o trabalho em camadas ainda mais profundas, quiçá, o melhorando. É

também a partir do trabalho reflexivo e da materialidade do diário que é possível visualizar como o espanhol, o inglês e o português são utilizados em diferentes momentos.

É importante salientar que, uma vez que o acervo esteja escolhido e o museu comece a ser montado, todas as informações serão traduzidas por nós para o inglês e o português. A tradução para essas línguas porque acreditamos serem escolhas apropriadas para receber turistas internacionais.

1.4 Línguas vs. linguagens e acessibilidade

Ao iniciar o trabalho de curadoria do Museo de la Coca, algumas questões linguísticas e multilíngues vieram à tona. Em um primeiro momento, surgiram as reflexões sobre as diversas línguas que habitarão o espaço do museu; o espanhol, a língua nacional, e o inglês como línguas base para a compreensão. Mas existem outras línguas e idiomas que fazem parte da história da coca com a humanidade e essas jamais poderiam ser ignoradas em um processo íntegro da curadoria. Para que o ambiente seja respeitoso com a coca e sua cultura, é necessário que o museu também se comunique através do quéchua, do aymara e de outras línguas de etnias companheiras da coca.

Assim, questionamentos sobre como usar tais línguas através do espaço surgiram. Como tornar a experiência do museu acessível tanto a falantes de quéchua quanto a falantes do inglês? A resposta para tais perguntas foi surgindo aos poucos, associada às descobertas sobre acessibilidade. Talvez, a solução mais simples para garantir que qualquer pessoa se sinta confortável com a comunicação do museu seja a criação de linguagens próprias, que atuem através dos cinco sentidos, para além da linguagem verbal.

Essa solução, por si só, é também um desafio. O museu ainda possuirá as línguas citadas (espanhol, aymara, quéchua, inglês); afinal, algumas informações precisam ser passadas e o poder da palavra é imenso e especial. Apesar disso, existe um esforço por parte da curadoria para que possamos tornar esse espaço mais acessível, para que seja um local em que as

línguas ampliem nossos conceitos sobre diversidade e não para que sirvam como instrumentos limitadores.

Assim, como estudante de LEA, reflito e pesquiso sobre a importância das línguas, de suas possíveis interações em espaços multilíngues, de suas culturas e histórias e procuro praticar o respeito perante ao tema. A escolha entre o uso do espanhol ou do inglês, espanhol ou aymara, é sempre uma escolha política e, não deveríamos esquecer, é sempre uma questão de dar visibilidade a espaços sociais.

Assim, me percebi, como no início da graduação, repensando os conceitos de linguagem. Quais as linguagens universais? Quais são as linguagens que compartilhamos como humanos através do corpo? Pensar nas linguagens universais é pensar nos possíveis estímulos que nossos corpos recebem e – de alguma maneira – sabem interpretar e os significar em nós. Exemplos? Sentir a brisa do mar enquanto escutando suas ondas. Captamos mensagens do vento e dos ruídos da água sem necessariamente atravessá-las com a cognição. Ainda assim, um significado corporal de estar perante o mar surge. E assim captamos mensagens das cores, dos cheiros, das músicas, das texturas, das temperaturas e de tantas outras coisas que nossos sentidos sabem acolher.

Então, enquanto construímos o espaço, damos atenção especial a essas linguagens não-verbais, e, por extensão, damos atenção especial a nossos sentidos. Em tempos de hegemonia visual, o simples instigar do uso de nossos outros sentidos também parece essencial.

A exploração de todos os sentidos através de experiências muito tem a ver com acessibilidade. O que é tornar uma experiência acessível? É contornar algumas dificuldades "técnicas" para passar adiante o significado da experiência. Uma mensagem possuirá sempre sua linguagem principal, através da qual se expressa, mas a mesma mensagem também pode ser expressa através de outras materialidades. Afinal, quando acreditamos que a mensagem a ser propagada é importante, nos esforçamos ao máximo para que essa seja compreendida por todos. Somos seres criativos.

Aqui, o LEA novamente me vem como pilar, para que pudesse melhor aprender sobre acessibilidade. Diversas matérias ao longo dos semestres serviram a esse propósito em especial, como "Tradução de Filmes", com a professora Soraya, matéria que me abriu portas e

olhares para o conceito de tradução. A matéria de MTAM com a professora Helena foi decisiva para que pudesse compreender que tudo isso se trata de acessibilidade. Compreendi o espaço que esses temas podem habitar em meu campo profissional e de pesquisa. Por isso, estagiei durante o segundo semestre de 2019 no grupo de trabalho de acessibilidade do programa educativo do Centro Cultural Banco do Brasil, visando vivenciar o cotidiano de uma Instituição Cultural e compreender seus esforços em tornar-se um local mais acessível. O estágio me proporcionou importantes encontros e experiências, além de incontáveis novas motivações e "coceirinhas internas".



Figura 7. Ilustração feita no diário de bordo

2. Conceitos abordados no diário

O diário de bordo foi inicialmente dividido em diferentes partes que abarcam diferentes conceitos e ideias da curadoria. Nem todas as divisões serviram aos propósitos iniciais, algumas divisões foram preenchidas muito mais rapidamente que outras e, logo menos, a diferenciação inicial foi posta em segundo plano. A reflexão do porquê de alguns setores serem muito mais rapidamente preenchidos que outros, por exemplo, foi bastante válida para acompanhar a quais temas me dedicava mais a cada momento.

2.1 Sobre coca

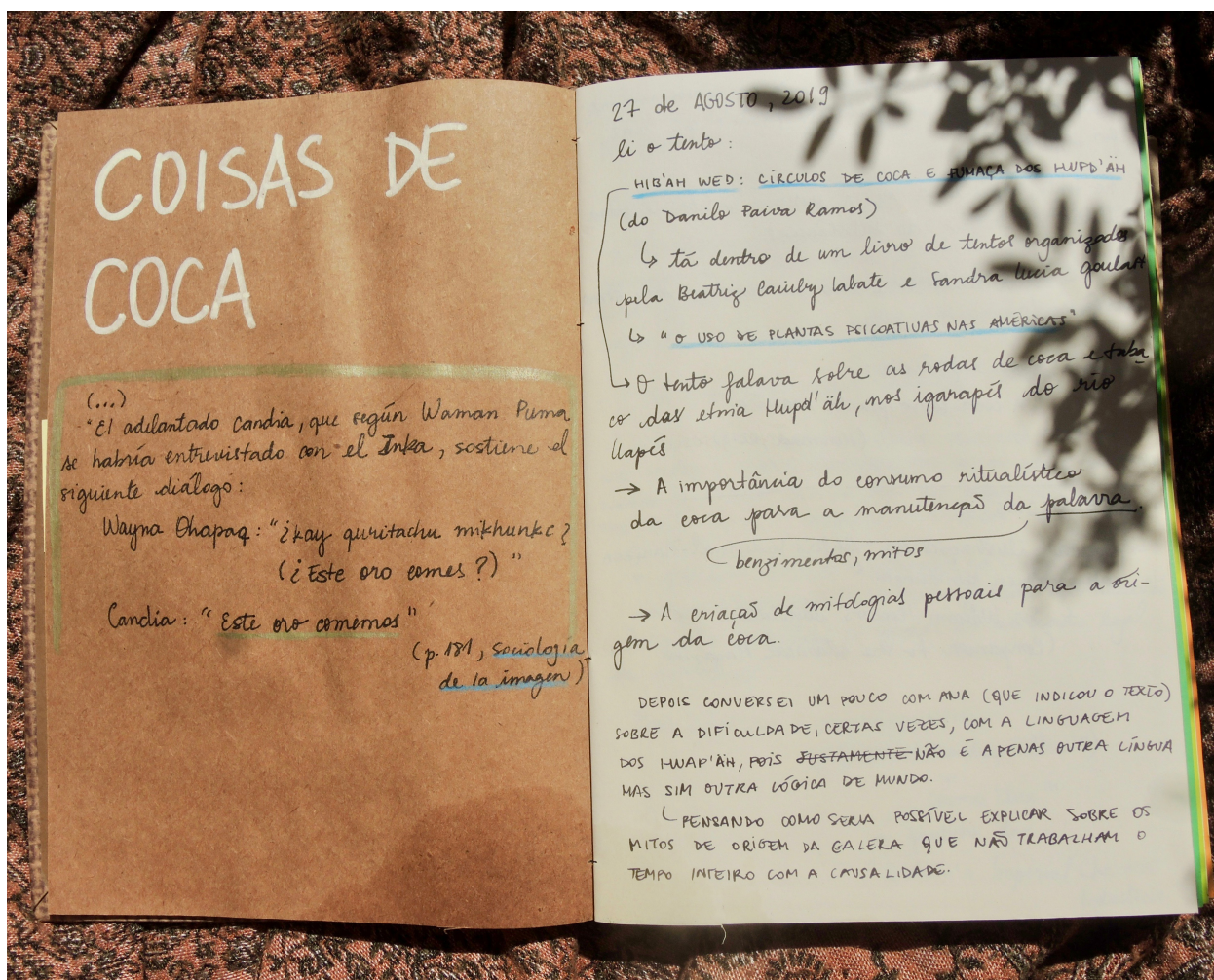


Figura 8. Parte inicial do diário de bordo

A planta de coca é o eixo pelo qual todo o trabalho da curadoria rotaciona. A primeira parte do diário foi dedicada à reflexões sobre a planta. Das coisas notáveis, existem resumos de textos sobre o consumo de indígenas brasileiros que fazem o uso da folha de coca e seus rituais. Os Hupd'ah realizam rodas de coca e tabaco onde o consumo das folhas está diretamente relacionado ao rito de passagem da palavra. É durante essas rodas que a palavra mítica é levada a diante, em círculos de conversa. Assim como os Hupd'ah, muitos povos acreditam que a coca está diretamente relacionada à palavra, à comunicação. O que me leva novamente às questões curatoriais, sobre como preservamos a palavra sobre a própria folha e como a podemos levar para a frente.

Essa primeira parte do diário também possui enxertos e citações de outros textos e material de planificação para um mapa que estará na estação de botânica do museu, entre outras coisas.

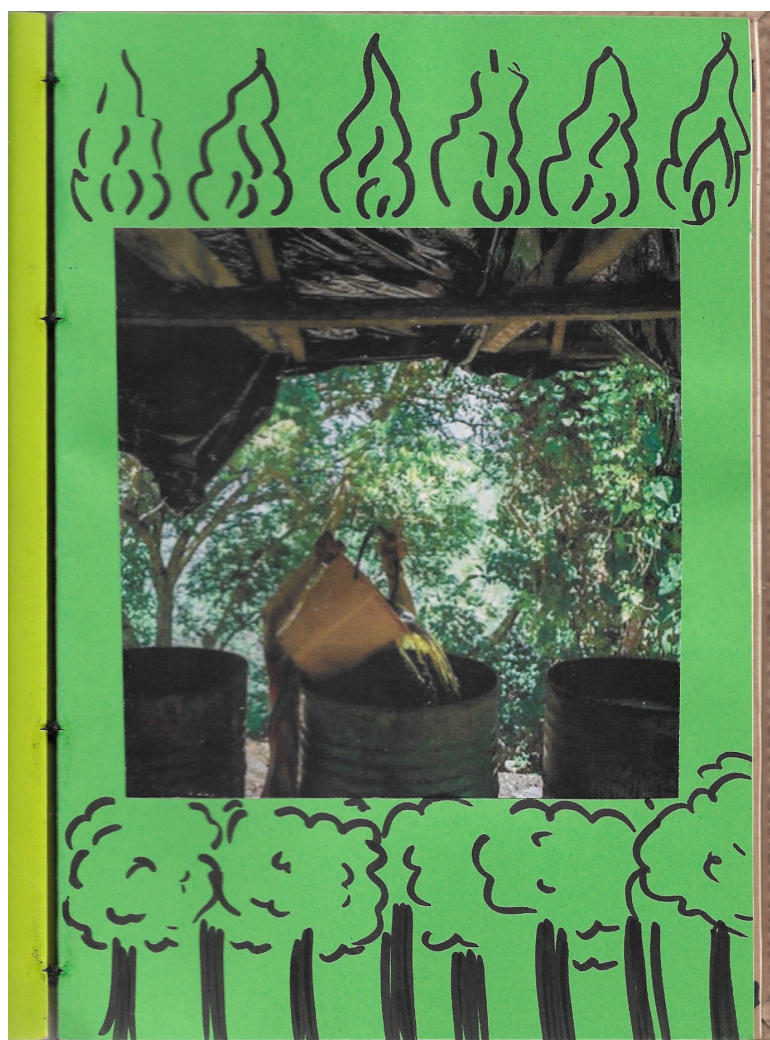


Figura 9. Foto de laboratório de cocaína por Mads Nissen

2.2 Sobre Sociologia e filosofia da Imagem

Ch'ixi literalmente se refiere al gris jaspeado, formado a partir de infinidad de puntos negros y blancos que se unifican para la percepción pero permanecen puros, separados. Es un modo de pensar, de hablar y de percibir que se sustenta en lo múltiple y lo contradictorio, no como un estado transitorio que hay que superar (como en la dialéctica), sino como una fuerza explosiva y contenciosa, que potencia nuestra capacidad de pensamiento y acción. Se opone así a las ideas de sincretismo, hibridez, y a la dialéctica de la síntesis, que siempre andan en busca de lo uno, la superación de las contradicciones a través de un tercer elemento, armonioso y completo en sí mismo.

— Silvia Rivera Cusicanqui

Desde a invenção da fotografia e da impressão em massa, a humanidade tem coabitado com uma quantidade oceânica de imagens. Lemos imagens desde o momento em que acordamos até o momento em que vamos dormir. Absorvemos conteúdo imagético quase todo o tempo, dado que esse é um dos meios de "contar histórias" de maneira mais rápida. É justamente por nossa interpretação mental imagética ser tão rápida que a mídia e o capitalismo se valem desses recursos como estratégia principal para vender seus produtos (sejam eles materiais ou ideológicos).

As atuais redes sociais também estimulam a produção e consumo de imagens exageradamente. Compomos nossa educação através das relações, da oralidade, da literatura e de nossas leituras de mundo. Ler o mundo e suas imagens também é parte de nossa formação e ajuda-nos a situarmo-nos dentro de nossos contextos. Como diria Silvia Rivera(2011), em seu livro sobre sociologia da imagem, as imagens nos oferecem interpretações e narrativas sociais e nos fornecem perspectivas de compreensão crítica da realidade.

ENTREVISTA DE SILVIA RIVERA COM BOAVENTURA SOUSA SANTOS
(Conversa del Mundo. pag. 315)

(...)

[SOBRE SOCIOLOGÍA DE LA IMAGEN]

"...Somos bombardeados por imágenes y no somos alfabetos en cuanto al desciframiento de las intenciones colonizadoras que trae consigo la imagen. Entonces es muy importante también perder la inocencia con respecto a la imagen y saber que detrás hay mecanismos deliberados de control de conciencias, de captura de deseos y de pulsiones del alma, lo cual permite que el sistema de propaganda sea tan eficaz.

Un tercer elemento es que la gente es inconscientemente torpe cuando va a hacer trabajo de campo y molesta y perturba a las otras personas. El llevar una cámara obliga a ser consciente de tu torpeza. Estás con un aparato falto, penetrando la vida de los demás y te sientes incómodo.

(...)

Eso ha ido generando una propuesta que parte de reconectar la mirada con los otros sentidos, con la escucha, el tacto, el olfato... Reflexionar que como organismo cognoscitivo está todo nuestro cuerpo y no solo la mente y en general el óculo-centrismo occidental.

Se trata de trabajar con la mirada despercusión sola de la tentación de dominar lo que miras, y más bien pensando en una mirada horizontal, la mirada de igual a igual."

"Las imágenes nos ofrecen interpretaciones y narrativas sociales, que desde siglos precoloniales iluminan este trasfondo social y nos ofrecen perspectivas de comprensión crítica de la realidad."
(CUSICANQUI, 2015 p. 176)

A proposta é analisar os discursos da sociedade também através das imagens. É possível construir aparatos críticos de interpretação do mundo imagético e estético que nos cerca. Compreender a linguagem persuasiva por detrás das propagandas, analisar contextos e momentos históricos através dos conteúdos estéticos que são produzidos a partir destes. Para o trabalho da curadoria é essencial pensar em como tornar visual seu conteúdo. Qual tipo de imagens conseguimos reunir em nosso acervo de modo a melhor conectar os visitantes às men-

sagens que queremos transmitir? Para a curadoria do Museo de la Coca, nosso exercício é facilitar a compreensão da história da proibição, desobscurecer relações de poder surgidas a partir desta, desvelar as linguagens escondidas por detrás de discursos proibicionistas oficiais e, assim, fornecer mais informações aos visitantes sobre o panorama geopolítico da temática. A escolha das imagens muito tem a ver com a construção das narrativas e a escolha do acervo procura ser cuidadosa com esses aspectos. O exercício de desobscurecer relações, procurar equivalências nos discursos e desvelar significados escondidos também pode ser feita através de imagens.

Quando refletimos sobre imagens e estéticas também refletimos sobre a importância de nosso olhar. É importante pensar sobre o direcionamento de nossos olhares. Observar se apenas consumimos informações de telas, propagandas e outdoors a maior parte de nosso dia ou se também nos damos o tempo de observar as coisas além de nosso estado de foco. Praticar o olhar periférico, não centralizado, que valoriza a vagância e a itinerância, as coisas "sem importância", o olhar que percebe o outro e o ao redor. Praticar o olhar periférico é buscar desconectar-se do olhar focalizado, conectar-se com o que nos rodeia e, assim, expandir a percepção dos estímulos por meio dos outros sentidos, conectando-os ao sentido da visão, criando um olhar integrado à realidade do corpo, atento ao contexto.

Ampliar a visão periférica é um exercício poderoso quando o estilo de vida capitalista nos impulsiona a focalizar o olhar; olhar a tela, focar na imagem, esquecer do todo. Que o simples exercício de "desfocalizar" o olhar nos ajude a melhor perceber os estímulos apre-

Figura 10. Excerto de entrevista transcrito para o diário

endidos por outros órgãos além dos olhos é um fator notável e relaciona-se ao tema da acessibilidade. Aqui o todo, com seus diferentes estímulos, sons, ritmos, cheiros e cores torna-se mais importante que apenas a imagem ou obra exibida, o texto compartilhado. Integrar à visão aos outros sentidos é mecanismo poderoso para também integrar experiências.

A busca pelo desenvolvimento do olhar periférico e sua vagância, mas também de um olhar crítico sobre a imagética do espaço, unem-se na curadoria ao pensar quais tipos de interação serão propostas em cada ambiente ou qual tipo de acervo gostaríamos de cons-

truir e como melhor usar da linguagem visual para contar histórias, compartilhar narrativas, dialogar sobre os fatos apresentados.



Figura 11. Indígena arhuaco de Sierra Nevada, foto por Robert Presutti

2.3 Sobre acessibilidade

O tema de uma curadoria mais acessível é paralela às reflexões trazidas a partir da prática do olhar periférico. É importante praticar atividades que ajudem a estimular nossos sentidos; estes devem ser explorados também em nossos momentos de lazer comunitário (como no caso das instituições culturais). A inclusão ativa de nossos sentidos propõe um experimentar mais integral da realidade.

Garantir materialidades e experiências mais acessíveis também é participar de uma reivindicação importante de minorias marginalizadas. Pessoas com deficiências sofrem com o preconceito e falta de opções/oportunidades. O esforço em integrar tais pessoas nos espaços de construção cultural requer mudanças mínimas que devem ocorrer para que possamos experimentar uma experiência mais democrática de comunidade.

E, assim, uma curadoria que se torne mais consciente quanto a questões de acessibilidade é também de nossa intenção. Grande parte do circuito "tradicional" da arte atualmente enfrenta os desafios de pensar sobre a acessibilidade em momentos posteriores à construção da exibição/exposição. Isso significa que a maioria dos processos curatoriais não integram desde o início a inclusão de pessoas com deficiência, buscando soluções a posteriori, muitas vezes como espécies de contrapartidas para que tenham o apoio financeiro/estatal. Isso pode gerar, mesmo em instituições culturais que contam com investimento, dificuldades em produzir materiais acessíveis de qualidade. Pensar em como tornar experiências culturais acessíveis vai além do braile, da audiodescrição ou da constituição do espaço físico – claro que todas essas ferramentas também participam da discussão, mas esta deve ir além. O ideal é que a multisensorialidade possa ser explorada ao máximo, de acordo com a proposta de cada projeto, desde o início da curadoria.

E esse é o grande desafio: como passar a frente as ideias e reflexões que julgamos importantes a respeito da arte sem necessariamente recorrer às imposições da linguagem verbal? Ou da linguagem visual? Como podemos ajudar visitantes do museu a acessar tais informações de maneira a significá-las internamente?

Parte da escolha de não-optar meramente por linguagens verbais (embora, recordemos, também haverá linguagem verbal no museu) passa também por um certo desapego de nossas visões sobre o acervo. Ao expor em outras linguagens não-verbais os fatos, informações e reflexões que reunimos sobre o tema da folha de coca, também expandimos o espectro de interpretações da/do visitante, que, mesmo que passe pelo fio condutor de ideias da curadoria, estarão sendo construídas através de distintas linguagens. A ideia é que o diálogo advindo das instigações fornecidas pela experiência museal seja concebido através dessas interpretações da/do visitante com o espaço.

Um exemplo, dentro da curadoria do Museo de la Coca, tem sido conceber as informações e interações que estarão presentes em um ambiente do museu que chamamos de "Estação Vozes" (Estación Voces). Pensamos a Estação Vozes como um espaço para conversar um pouco sobre mitologias da planta, o conceito de "mama coca" e expor narrativas de pessoas que a consomem. Inicialmente será um ambiente que possa contar com muitos áudios de distintas vozes que se justaponham em uma mistura auditiva a primeiro momento; histórias em castelhano, aymara, quéchua, todas sobrepostas. Dentro da estação será possível recorrer a essas histórias individualmente, acompanhando o áudio com outros materiais que conversem com o que está sendo dito. Para alguns mitos, por exemplo, além de ilustrações de personagens, existirão bonecos de cerâmica manuseáveis.

Essa concepção de uma experiência mais integrada com todos nossos sentidos

Figura 12. Flyer da exposição Entreartes guardado no diário

também é uma desconstrução das ideias tradicionais que possuímos sobre museus, obras de arte e disposição museal, pois, ao permitir que os objetos e artes do museu estejam/se tornem mais disponíveis para o público visitante, repensamos as ideias clássicas de obra/artista protegida/o vs. público observador. A ideia é romper e repensar também estas barreiras. Para isso, diminuir a distância entre o que está exposto e os visitantes. Ao que segue: quais estratégias possuímos para encurtarmos as distâncias?



2.4 Participatividade

Se buscamos diminuir a distância entre exibição/obras e o público, buscamos justamente o seguinte: a participação ativa do público na construção da exposição.

Baseado em muitas das ideias do livro "The participatory museum"(2011) de Nina Simon, almejamos a participatividade como fio condutor dentro do espaço do museu. Isso significa criar estratégias diversas no intuito de promover interatividades entre/para os visitantes. Logicamente, tais interações devem ser afins às ideias gerais que o museu considera importantes.

Uma das ideias principais da autora é gerar interações sociais entre os visitantes a partir do material do museu. De modo esquemático, o passo-a-passo para que isso aconteça é: a/o visitante entra em contato com o conteúdo do acervo, a/o visitante interage com o conteúdo, as interações de todos as/os visitantes são relacionadas e unidas, produz-se algum tipo de uso social da união das interações e os indivíduos são capazes de relacionar-se uns com os outros.

Existem diversas lógicas por detrás da construção de tais estratégias. Dentro do espaço de curadoria pensamos, justamente, quais estratégias de interação podem estar na instituição. Mas além das interações e participações que integrarão a experiência do museu, também pensamos e buscamos compreender como tornar *o processo* de construção do mesmo mais participativa.

Para que isso aconteça: quais pessoas devemos incluir na construção da curadoria? Como? Como ampliar as ações do museu socialmente? Sendo o museu sobre uma planta de consumos indígenas tradicionais e situando-se na cidade de Bogotá, acredito que a maior preocupação seja justamente na inclusão desses dois grupos: indígenas que façam o consumo da folha e colombianxs. Por não possuímos propriedade para falar do "sentir-se" colombiana/colombiano ou do sentir-se indígena, como é de fato possuir essa planta atravessada na história ancestral/familiar/social, convidamos tais pessoas para compartilhar suas histórias, perspectivas, modos de ser e estar no mundo.

Isso não é tarefa trivial. Neste mundo pós-moderno, se reconhece a importância da experiência alheia e do local de fala, ainda assim são delicadas as situações em que precisamos praticar a alteridade com respeito. Descobrimos, aos poucos, como incluir mais pessoas durante o processo e como construir o espaço museal de maneira que as interações soci-

ais aconteçam continuamente. Tornar o museu um espaço anfitrião para reuniões e ações da comunidade cocaleira local também é um objetivo da instituição.



Figura 13. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte

Metodologia

E por que o diário de bordo? Seja a gestão de um trabalho com uma equipe multilíngue, seja a escolha diária das línguas utilizadas na curadoria, sejam os estudos sobre acessibilidade, é fácil reconhecer como o conhecimento gerado a partir da graduação em LEA possui um papel importante em todas essas tarefas. Restava, então, descobrir como trabalhar todos esses temas de maneira a continuar as pesquisas e, paralelamente, me esforçar reflexivamente para compreendê-las dentro do universo da graduação.

Com o passar dos anos, compreendi que o conhecimento nos chega através dos mais diversos formatos, nos mais distintos momentos. Coletar mensagens do mundo através de imagens, poemas, músicas, desenhos é também um trabalho de descobrimento do mundo, como a ciência. A importância de análises subjetivas e impressões pessoais também é chave para a integração de nossos estudos em nosso consciente. Acredito que é a partir dos assuntos que verdadeiramente nos deixam curiosos que saem nossos melhores trabalhos, rumo às indagações do mundo.

Junto a mulheres como Silvia Rivera e Dian Marino encontrei também amparo acadêmico para a reflexão do mundo através de nossos sentidos. Artigos e publicações são tão válidos para a análise da sociedade quanto seu cinema, sua arte de rua, suas pessoas que dançam, performam, desenham e expressam suas inquietações de tantas maneiras.

Compreendemos a nós mesmos como território e povo não apenas pelos relatos escritos que possuímos do passado mas, sim, através de tantas outras materialidades que nem sempre possuíam a intenção de ser registro da "História". São cerâmicas, pinturas, estampas, arquiteturas, comidas, cantos e ritmos que nos contam profundamente sobre onde habitamos.

Precisava, então, de uma espécie de registro acadêmico que me permitisse pôr em prática todas essas reflexões sobre os modos de produzir conhecimento. O diário de bordo veio como solução. Uma espécie de portfólio que permite distintas materialidades sobre a pesquisa realizada. No diário, a sujeita que escreve deixa também suas impressões e sua visão de mundo. O diário de bordo como ferramenta reflexiva e de construção. Coletar os termos, fotos,

citações, poemas, diálogos, enxertos, desenhos, mapas que me chamam atenção durante a pesquisa me permite uma pequena curadoria da própria investigação e descoberta do tema.

O desafiador é justamente o relatório sobre o diário de bordo (esse último flui, se constrói leve). Buscarei aqui, através dos conceitos estudados e das práticas vividas expor a ferramenta do diário de bordo. Para que possamos ampliar suas possibilidades e espectro de ação. Em um curso como LEA, em que os alunos constroem sua profissão ao longo da graduação, a importância da experiência subjetiva e da reflexão sobre a mesma é crucial para que a pessoa se compreenda nesse novo meio profissional. Afinal, não existe ainda uma compreensão completa do que é possuir um título de Bacharel em LEA-MSI e esses significados serão construídos através do que os próprios graduados descobrirão como meio de trabalho.

“O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador.” (MILLS, 1959, p.22)

Diário de bordo

O Diário de Bordo é um instrumento utilizado na navegação, é um documento de controle da viagem, nele se fazem os registros importantes dos acontecimentos.

"A Viagem", gosto que a simbologia e origem do diário de bordo partam do princípio do comunicar "a viagem". Pois todos viajantes sabem que expressar sobre as experiências vividas pode ser tarefa desafiadora. As clássicas dificuldades em expressar coisas que muitas vezes nos são desconhecidas ou alheias ao nosso público. Mas assim, nós, viajantes, vivemos, buscando vocabulários e linguagens para falar sobre o que vemos e experienciamos. Muitas vezes é no próprio construir dos relatos que se compreendem e se ressignificam as experiências vividas. O comunicar como parte da experiência póstuma ao evento.

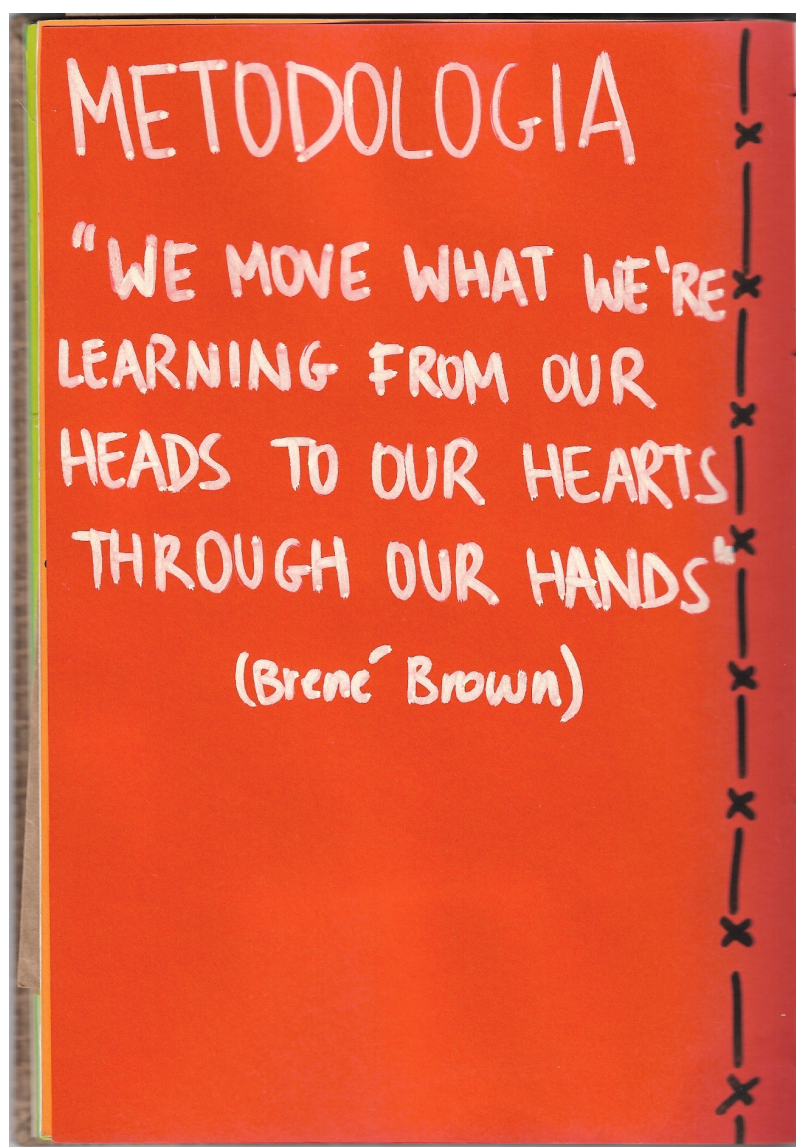


Figura 14. Citação de Brené Brown no diário de bordo

Por graça do destino e observância, em dias atuais, também se utiliza o termo "viagem" para comunicar sobre vivências possivelmente causadas pelo consumo de substâncias. Inclusive, um dos primeiros registros sobre os efeitos da cannabis no Brasil, alude aos efeitos psicoativos da planta com metáforas de viagem:

"o que (...) se conta (...) he que os grandes capitães, (...) acostumavão embebedar-se ... com este banguê, pera se esquecerem de seus trabalhos, e nam cuidarem, e poderem dormir; (...) E o gram Soltão Badur dizia a Martim Affonso de Sousa, a quem elle muito grande bem queria e lhe

descubria seus segredos, que quando de noite queria yr a Portugal e ao Brasil, e á Turquia, e á Arabia, e à Pérsia, não fazia mais que comer um pouco de banguê. " (GARCIA DA ORTA, 1891, apud BARROS;PERES, 2011)

Isso muito me alegra, pois, embora essa travessia não seja parte de uma "viagem" psicotrópica, trata-se da criação de um museu antiproibicionista, em trópicos colombianos, que busca participatividade e união entre conhecimento, cultura, arte e autonomia. Me soa tão surrealista quanto alguns relatos de efeitos entorpecentes, e assim parece ser. Para melhor facilitar o surgimento dessa realidade, surge o auxílio dos registros escritos: o diário de bordo, ferramenta para a boa navegação.

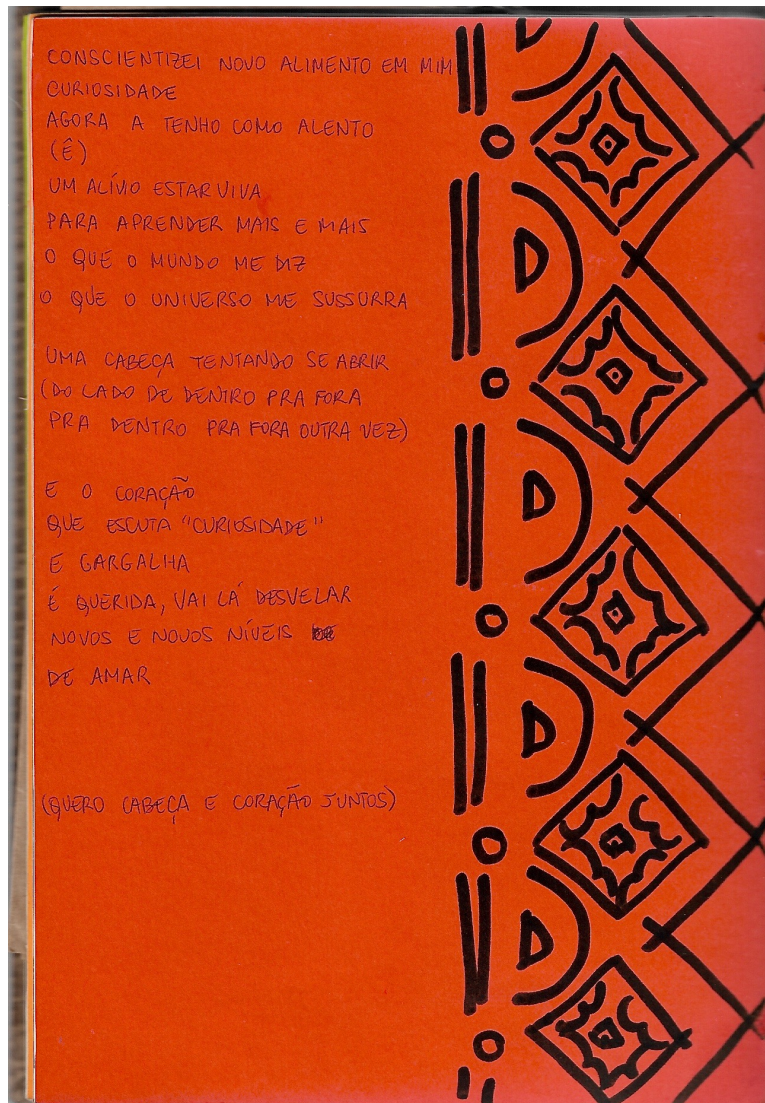


Figura 15. Poema escrito no diário de bordo

Durante a leitura do artigo “Sobre o artesanato intelectual”, de C. Wright Mills (1952), me deparei com a visão de sociólogos sobre a construção de acervos pessoais – materiais escritos por eles para análises póstumas. Nesse artigo, Mills defende o uso de diferentes recursos de registro e escrita para análises mais íntegras sobre eventos e observações.

“Aqui, não terá receio de usar sua experiência e relacioná-la diretamente a vários trabalhos em andamento. Servindo como um controle ao trabalho repetitivo, seu arquivo lhe permite conservar sua energia. Estimula-o também a aprender 'pensamentos marginais': várias ideias que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversas entreouvadas na rua, ou mesmo sonhos. Uma vez anotadas, essas coisas podem levar a pensamentos mais sistemáticos, bem como emprestar relevância intelectual a experiências mais diretas.” (MILLS, 1959, p.23)

Para isso: descobrir quais os meios em que uma se sente confortável para relatar e comunicar. Para muitos; blocos de notas, cartas, lembretes, diários íntimos, diários de bordo, fotografias, desenhos etc. As possibilidades e os materiais são infindáveis. Também o são suas misturas e combinações.

Lembro que ainda na infância, não muito depois de descobrir como escrever, descobri o alívio e o conforto de escrever sobre minha vivência no mundo. Não necessariamente escrever sobre mim, mas a partir de mim, escrever sobre a minha visão das coisas, sobre como experimento o mundo, como experiencio os acontecimentos. Descobri como podemos ressignificar nosso ao redor através da linguagem. Por descobrir isso tão cedo (quase paralelamente à descoberta das viagens literárias), sempre fui boa praticante dos caderninhos. Pequenos cadernos pessoais que se possa levar por aí, para registros da vida. Pequenos cadernos que nos ajudam a construir o mundo em palavras, mas também, muitas vezes, cadernos que nos são companhia, construções visíveis do diálogo interno que carregamos por aí.

Esse desatar de laços interiores através das palavras me acompanha há muitos anos e adotar-lhe como parte da metodologia me pareceu interessante para a organização e criação do museu. Além do mais, o trabalho de curadoria e investigação vem da junção de diversas materialidades, notas e descobertas. Para o bom registro e aproveitamento do processo, uma metodologia que abarque esse senso de interconexões e fluxos de pensamento parece mais adequada, daí surge, novamente, o diário de bordo, uma ferramenta que agrega não apenas notas, pensamentos e discussões, como possibilita também visualizações gráficas, ilustrações, desenhos, fotos e rascunhos. Tudo isso em um lugar só.



Figura 16. Página final do diário de bordo

Considerações Finais

"Sobre eu e o diário:

Algo físico, palpável

Posso abrir no ônibus e posso preencher no mato.

Posso mudar a caligrafia de acordo com o propósito e/ou humor.

Posso rasgar (embora não o tenha feito)

Posso enfeitar

Posso abraçar – se precisar

Posso traçar linhas e colorir

Posso dar minhas voltas

Posso usar minhas setas

Transcrevo o mundo e sinto melhor alinhar: as mãos

a mente

o coração"

a alinhar algumas (muitas) ideias do que tem sido ser curadora durante esse último ano.

é confuso e maravilhoso
que com um trabalho que permita que descubramos melhor o que somos e onde estamos.

E aí talvez seja bobo, mas foi bom ter que estruturar a pesquisa dentre essas pautas grandes também

→ "OUTRO DIA"

07.11

E POR QUE ISSO É IMPORTANTE PRA VOCÊ?

→ é importante porque (de uma maneira bagunçada) me ajuda a me organizar

→ me faz categorizar
avaliar o que vale ser escrito

→ fornece esse local "perfeito" para que brinque de transcrições

→ é importante p/ mim que me sinta integrada com as propostas acadêmicas

o meu físico do caderno me faz me sentir assim

→ Me faz perceber melhor quais são os temas de estudo que estão de fato na cabeça (e no coração, e na inquietação do dia)

O QUE TE AJUDOU A COMPREENDER ISSO NESSE CASO ESPECÍFICO?

O processo!

Figura 17. Perguntas feitas sobre o processo do diário

Esse é um pequeno trecho das últimas páginas do diário de bordo. Depois de muito preenchê-lo e carregá-lo por tantos lugares durante meses, comecei a escrever sobre a própria experiência de escrever no diário. O que o diário significou para mim e minha pesquisa? O que, na experiência do diário, me conecta positivamente a meu trabalho e vida acadêmica? Essas foram perguntas que procurei responder dentro do espaço do próprio diário.

A experiência do diário foi muito enriquecedora, me permitiu refletir sobre os modos de consumir, produzir e compartilhar conhecimentos. Pude refletir sobre os significados do trabalho da curadoria e também sobre o que me foi a graduação no curso de LEA-MSI. Pude reconhecer quais conhecimentos adquiri a partir da Universidade e integrei a meu trabalho. Ao mesmo tempo, pude refletir sobre os limites e limitações minhas, do trabalho de curadoria e da experiência universitária.

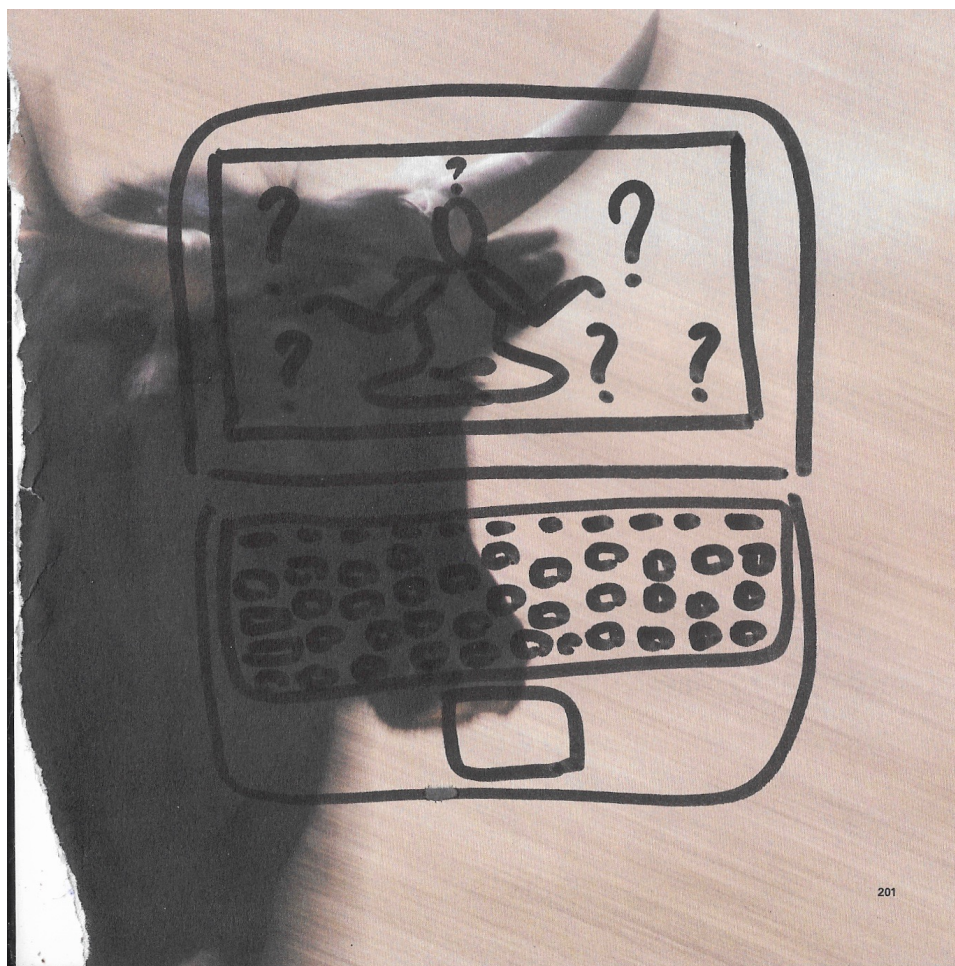


Figura 18. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte

O diário me serviu de acalanto quando já não reconhecia bem o que estava fazendo e precisava reorganizar as ideias. Me escutou quando me percebi ansiosa sobre a escrita desse relatório. Nesses momentos, escrever de um tanto, um bocadinho comigo mesma, sem me preocupar com a lógica ou linguagem, apenas me atentando a escrever sincera, são de valor imenso. A oportunidade de integrar esses escritos ao próprio trabalho que me causavam essas reflexões foi importante.

A possibilidade de alternar linguagens de acordo com os momentos também me é muito caro. Posso afirmar que, em dados momentos, desenhar, rabiscar, desenhar mapas mentais foi tão importante quanto ler ou escrever, atividades tradicionais no modo como aprendemos. Importante sentir que consigo manusear parte da bagunça que apreendo sobre os estudos do mundo e olhá-las, construí-las, desconstruí-las, reconstruí-las uma vez mais.

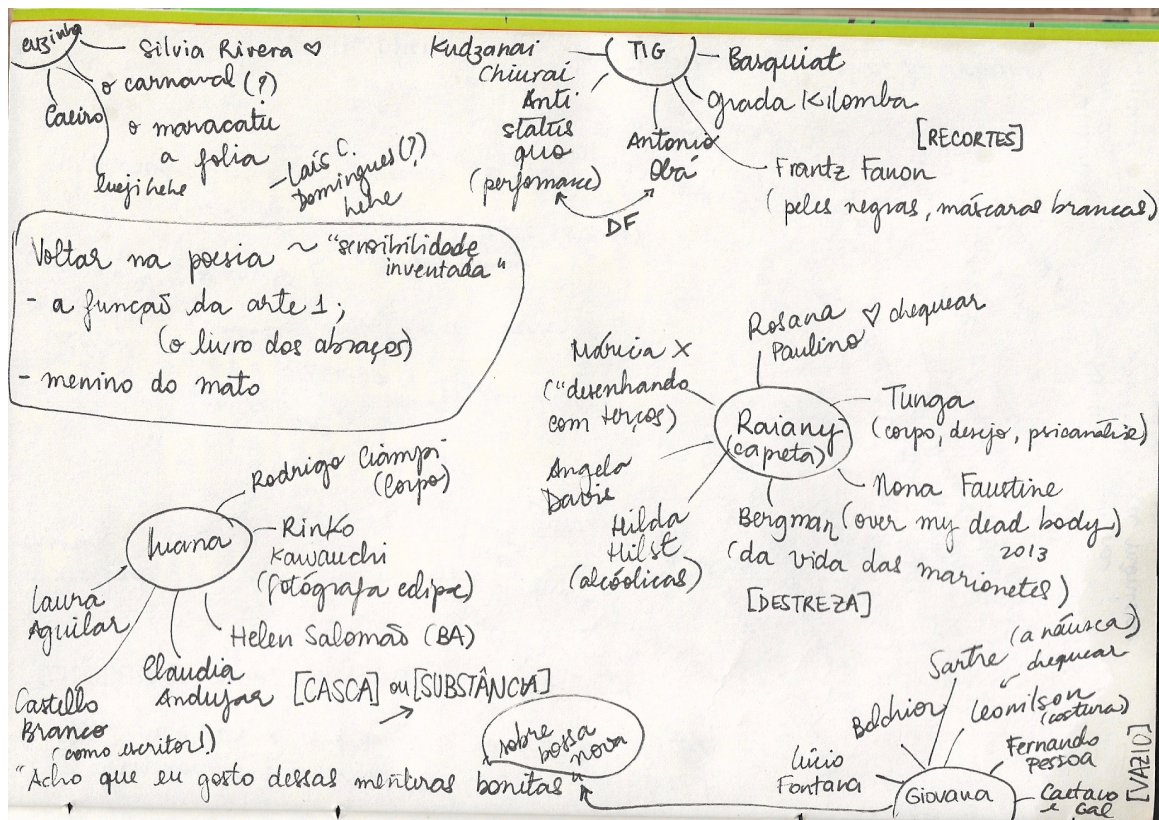


Figura 19. Mapas criados após atividade no CCB

Gosto quando releio o caderno e vejo palavras "erradas" rabiscadas no meio do caminho. Cada palavra em falso também me conta algo, palavras que mudam a direção do movimento. Gosto da oportunidade de olhar para os tropeços no caminho, me ajudam a melhor compreender a dança do trajeto.



Figura 20. Capa do primeiro caderno que comecei a utilizar para conversar sobre a curadoria, em janeiro de 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLS, Charles Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Sociología de la imagen: ensayos. Buenos Aires: ediciones Tinta Limón, 2015.

MARINO, Dian. Wild Garden: art, education and the culture of resistance. Toronto: Between the Lines, 1997.

SIMON, Nina. The Participatory museum. Versão online disponível em: theparticipatorymuseum.org. Acesso em: 13 nov. 2019

HENMAN, Anthony. Mama Coca. 4ªed. La Paz: Hisbol, 1992.

LISTA DE FIGURAS

Todas as figuras do presente trabalho (exceto a Figura 20) são ilustrações retiradas do diário de bordo e possuem intervenções de Emily Bandeira.

Figura 1, capa do diário de bordo	
Figura 2. Têxtil paracas (Peru, datados de 200-300 A.C.)	2
Figura 3. Ilustração botânica da coca	4
Figura 4. Intervenção sobre página de livro achado na w3 norte	5
Figura 5. Foto de <i>poporo</i> de Aitor Sáez , ¡Pacifista!	8
Figura 6. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte	11
Figura 7. Ilustração feita no diário de bordo	14
Figura 8. Parte inicial do diário de bordo	15
Figura 9. Foto de laboratório de cocaína por Mads Nissen	16
Figura 10. Enxerto de entrevista transcrito para o diário	18
Figura 11. Indígena arhuaco de Sierra Nevada, foto por Robert Presutti	20
Figura 12. Flyer da exposição Entreartes guardado no diário	23
Figura 13. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte	25
Figura 14. Citação de Brené Brown no diário de bordo	28
Figura 15. Poema escrito no diário de bordo	29
Figura 16. Página final do diário de bordo	31
Figura 17. Perguntas feitas sobre o processo do diário	33
Figura 18. Desenho sobre página de livro encontrada na w3 norte	34
Figura 19. Mapas criados após atividade no CCBB	35
Figura 20. Capa do primeiro caderno sobre a curadoria, em janeiro de 2019	36